HISTÓRIA DO GRAN DE CAVALEIRO SEM MÊDO

COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO DOIS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1936

E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DA CASA PORTUGUESA
139, RUA DO MUNDO, 141 — LISBOA

LIVRO DOIS

HISTÓRIA DO GRANDE CAVALEIRO SEM MÊDO

Quando as terras, que hoje são Portugal e Espanha, andavam ainda em mãos de moiros e que os cristãos a muito custo iam alargando as suas conquistas, havia um rei de Leão e Castela, chamado Afonso, que era um guerreiro muito afamado.

Durante a guerra que êle fazia aos moiros, vieram de França muitos fidalgos para o ajudar. Vinham à procura de aventuras e de fama como era costume de fidalgos naquele tempo.

Ora entre êsses fidalgos franceses havia dois que valiam por todos os outros juntos. Era o conde D. Raimundo mais o seu primo o conde D. Henrique de Borgonha.

Tais coisas fizeram e de tal modo ajudaram o rei Afonso que êste deu a cada um, em casamento, uma das suas filhas. Ao conde D. Raimundo a sua filha Urraca, ao conde D. Henrique a sua filha Teresa. E deu ao conde D. Raimundo o govêrno das terras da Galiza, e ao conde D. Henrique o govêrno do condado de Portugal.

Mas o condado de Portugal era pouca coisa. Era só o que ficava entre o rio Minho e o rio Mondego; cidades acasteladas só havia Guimarãis, Braga, Viseu, Coimbra, pouco mais. E essas cidades eram pequenas, pobres e pouco povoadas; tôdas tinham sido arrancadas às unhas dos moiros com muito trabalho, à fôrça de muitos combates e misérias.

Raimundo e Urraca de um lado e Henrique e Teresa do outro, embrulharam-se em intrigas e guerras, porque uns e outros queriam alargar o que era seu e nenhum queria ficar sujeito ao outro.

Má e dura vida foi a do conde D. Henrique, ora em guerras contra o primo dos lados da Galiza, ora em guerras contra os moiros dos lados da Extremadura.

Com quem êle vivia bem era com sua mulher, D. Teresa, mulher de grande esperteza e memória e tão linda que quem a via uma vez nunca mais a podia esquecer. E tiveram três filhos: um menino e duas meninas. E o menino, a quem deram o nome de D. Afonso Henriques, era uma criança como não havia outra.

Quando o conde D. Henrique morreu, deixou a viúva ainda muito nova e os filhos todos pequenitos.

D. Afonso Henriques tinha três anos, mas fazia o pasmo de quantos o viam; grande, perfeito, lindo que nem um anjo; e uma espada bem temperada não era mais rija do que êle. Mas tão assomado de génio e tão senhor da sua vontade que ainda antes dos sete anos D. Teresa, sua mãi, logo viu que não era capaz de o criar como devia ser. E então mandou chamar um grande fidalgo que nesse tempo havia no condado de Portugal e que se chamava D. Egas Moniz e disse-lhe assim: «D. Egas, mandei-te chamar para te entregar êste meu filho; quero que faças dele um homem, um grande cavaleiro, quero que lhe ensines a ser valente e honrado como tu, porque êste meu filho há-de vir a ser o primeiro rei de Portugal.»

E D. Egas Moniz tomou conta da criança com grande reverência e ali fêz juramento de dar a vida, se preciso fôsse, por aquêle príncipe e pela criação do seu reino.

O tempo foi passando e D. Teresa fêz conhecimento com um fidalgo de Castela que se chamava o conde Fernando de Trava. O conde era esbelto, muito bem parecido e de lindas falas. Esperteza não lhe faltava. Vai daí D. Teresa namorou-se dele e êle dela e não faltaram ditos por via daquele grande amor; que êles não se escondiam nem disfarçavam a sua paixão. Ainda bem não quem governava tudo no condado de Portugal era o conde de Trava. Verdade seja que não governava mal; mas os fidalgos do condado não viam com bons olhos aquêle castelhano a tomar conta de tudo e a ganhar cada vez mais poder. Tinham grande amor ao príncipe D. Afonso Henriques e não queriam que o conde de Trava deitasse a unha ao que lhe não pertencia e só devia caber a D. Afonso Henriques.

O príncipe crescia e medrava que era um louvar a Deus. Aos catorze anos ninguém lhe dava menos de dezóito, tanto pelo corpo que era grande, esbelto e perfeito, como pela fôrça dos seus braços, pelas ideas que tinha e pelas coisas que dizia que mais pareciam de um homem feito. Aprendera muito com D. Egas Moniz que era bom mestre. Montava a cavalo como poucos e manejava as armas que era um espanto. Não havia quem o

conhecesse que não dissesse que um príncipe assim devia estar guardado para grandes coisas neste mundo.

Um belo dia, com a idade de catorze anos, montou a cavalo e foi-se a Zamora que é agora uma cidade espanhola, mas naquele tempo pertencia ao condado de Portugal. Aí, no santo dia de Pentecostes mandou pôr a sua espada sôbre o altar de S. Salvador e mandou-a benzer. Depois vestiu uma rija cota de armas de coiro e afivelou à cintura um cinto muito rico; e chegando-se ao altar fêz as suas orações e os seus juramentos e pegou na espada e armou-se a si mesmo cavaleiro, coisa que só os reis faziam. Depois, voltou para Guimarãis.

Isto deu muito que falar e o conde de Trava e D. Teresa não ficaram contentes porque logo viram que D. Afonso Henriques os não deixaria muito tempo sossegados. Mas muitos fidalgos do condado vieram ter com o príncipe e juraram-lhe fidelidade dizendo-lhe podia mandar neles e contar com êles até à morte.

Passou-se mais tempo; e quando D. Afonso Henriques se viu com dezassete anos foi ter com sua mãi e com o conde de Trava e disse-lhes assim:

«Agora já é tempo de Vossas Senhorias me entregarem o que é meu, que já tenho idade de governar.»

«Isso vai-se ver», respondeu D. Teresa. «O conde de Trava governa bem e não convém que uma criança venha tomar o lugar dele e o meu.»

Se D. Afonso Henriques tinha génio, também o tinha sua mãi; e logo os dois se pegaram ali em briga de palavras com muita cólera acesa de ambos os lados.

«Não sei porque havemos de estar nesta questão», disse o conde de Trava. «É melhor juntar cada um de nós os seus capitãis e soldados e irmos para o campo; o que perder a guerra sai do condado e o que ganhar fica com o govêrno.»

D. Afonso Henriques respondeu logo:

«Está dito. Mas não serás tu, castelhano, que me farás sair da terra que meu pai ganhou!»

D. Teresa, a arder em soberba, disse:

«O condado não é teu, Afonso, mas muito meu, que foi a mim que meu pai o deixou.»

O conde de Trava tocou-lhe no braço e levando-a à parte, disse-lhe:

«Deixa lá. Êle é uma criança e, em batalha, de-pressa o vencerei.»

E voltando para junto de D. Afonso Henriques, logo ali combinaram

o dia e o lugar da batalha. O lugar escolhido foi um grande campo ali perto de Guimarãis, chamado campo de São Mamede.

Foi uma grande batalha; de um lado D. Afonso Henriques com muitos fidalgos do condado de Portugal e muito boa gente que andava morta por se ver livre do conde castelhano; e do outro o conde de Trava com fidalgos e gente da sua terra e também portugueses que o serviam e cuidavam que êle ganharia aquela terra e lhes daria a êles bom prémio. Mas a-pesar dos castelhanos serem muitos mais que a boa gente de D. Afonso Henriques, o príncipe mais os seus fidalgos e soldados talharam nos inimigos que foi um regalo e ganharam a batalha.

O conde de Trava fugiu para Castela e nunca mais apareceu nem se ouviu mais falar dele. D. Teresa foi presa e o filho naquela primeira raiva de se vingar do pouco que a mãi fizera dele havia tanto tempo, acorrentou-a.

E ela, doida de raiva e sem pensar no que dizia, exclamou em gritos:

«Filho D. Afonso, prendeste-me e tiraste-me a terra e bens que me deixou meu pai, e separaste-me do conde de Trava e puseste-me aqui a ferros. Eu peço a Deus que venhas um dia a ser preso também e que as tuas pernas sejam com ferros quebradas!»

E com esta feia praga se ficou D. Afonso Henriques e mais tarde veio a sofrer dela, mas não tanto quanto D. Teresa cuidava. E, passada aquela raiva, D. Afonso Henriques tirou D. Teresa da prisão e deixou-a ir para Castela sem lhe fazer mal nenhum, por se lembrar que ela era sua mãi. E D. Teresa foi recolher-se a um convento onde veio a morrer dois anos depois.

Assim ficou D. Afonso Henriques, com bem pouca idade, a governar o condado de Portugal.

Ora o condado de Portugal estava sujeito a Castela e D. Afonso Henriques devia obediência ao rei de Castela.

«Mestre», disse êle um dia a D. Egas Moniz, «Dêste condado hei-de fazer um reino, assim Deus me ajude como até agora. E hei-de arrancar tantas terras aos moiros que o reino de Portugal irá até ao Algarve.»

«Vá até onde fôr», respondeu o fidalgo. «Vossa Alteza pode contar com o meu braço e a minha lealdade. E no dia em que êste condado fôr reino e eu vir uma coroa real sôbre a cabeça de Vossa Alteza, êsse será o dia mais feliz da minha vida.»

Pouco tempo se passou depois disto.

Andava D. Afonso Henriques em viagens pelas terras do condado, visitando suas vilas, fortificando seus castelos, mandando construir muros e fortalezas onde as não havia, quando lhe vieram dizer que o rei de Castela marchava com um grande exército para cercar Guimarãis e vingar D. Teresa.

D. Afonso Henriques não quis saber de mais nada e abalou a rebenta cavalos para a cidade de Guimarãis. Mas quando chegou, já os castelhanos vinham perto e não houve tempo de abastecer a cidade de comeres e do mais que era preciso para agüentar o cêrco. Teve de se contentar com repartir os seus soldados pelos muros da cidade e do castelo o melhor que poude.

Os castelhanos chegaram. Eram tantos que metiam mêdo. Assentaram os seus arraiais em redor da cidade e começaram a atacá-la. Os de dentro eram poucos e tinham fraca maneira de se defender. A cabo de alguns dias acabou-se o comer e os soldados principiaram a esmorecer, que bem viam já a hora em que iam ser vencidos.

Foi então que D. Egas Moniz, sem dar cavaco a ninguém, saíu da cidade às escondidas e foi ter com o rei de Castela.

Recebeu-o el-rei com tôda a cortesia e perguntou-lhe a que vinha. E êle disse assim:

«Eu queria perguntar a Vossa Alteza quais são as suas tenções a respeito desta cidade de Guimarãis e porque razão a veio cercar.»

E el-rei de Castela respondeu:

«Vim aqui porque o meu primo Afonso Henriques não quer reconhecer o meu senhorio nem quer vir às minhas Côrtes como vassalo meu que é. E a minha tenção é prendê-lo, tirar-lhe as terras de Portugal e dá-las a outro que reconheça o meu senhorio e não queira fazer seu o que lhe não pertence.»

D. Egas Moniz disse assim:

«Senhor, não foi Vossa Alteza bem aconselhado em vir aqui cercar esta cidade. O primo de Vossa Alteza, D. Afonso Henriques, é um cavaleiro como há poucos e tem muita gente e boa, consigo. Desconfiou que Vossa Alteza o vinha atacar e tem os seus castelos muito bem guarnecidos de soldados e armas e bem recheados, que há em todos êles boa defesa e de comer para muito tempo. E mormente êste castelo de Guimarãis é tão forte e está tão bem guarnecido, que o exército de Vossa Alteza aqui há-de perder muita gente e muitissimo tempo, e não é certo que venha a entrar dentro dêstes muros. D. Afonso Henriques é muito novo mas vale por muitos homens feitos; é de génio soberbo e à fôrça ninguém o leva onde não quer ir; mas se Vossa Alteza retirar as suas tropas sem o arrenegar mais, eu faço aqui o juramento de conseguir que D. Afonso Henriques reconheça o senhorio de Vossa Alteza sôbre o condado de Portugal e que vá como vassalo às Côrtes

de Vossa Alteza. E isto juro, e dou em penhor a Vossa Alteza a minha vida, porque nunca ninguém disse que Egas Moniz faltasse à sua palavra jurada.»

El-rei ouviu esta fala com muita atenção e ficou-se a cismar algum tempo. Conhecia bem D. Egas Moniz e sabia que era fidalgo de grande honradez, e por isso lhe respondeu afinal dizendo-lhe que se fiava dele e que ia descercar Guimarãis.

D. Egas Moniz voltou para a cidade, despercebido de todos como de lá saira e calou-se muito bem calado.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, el-rei de Castela levantou o cêrco e abalou com todo o seu exército, dizendo lá de si para si que bem melhor fôra dêste modo, pois ia seguro de conseguir o que queria, sem arriscar as vidas dos seus soldados nem gastar dinheiro numa guerra tão perigosa.

D. Afonso Henriques, espreitando lá do alto das muralhas do castelo, viu as tropas inimigas levantarem o cêrco e viu-as abalar por aquêles campos fora em direitura a Castela. Ficou espantado; não podia entender como tal coisa sucedia. Mandou chamar D. Egas Moniz e perguntou-lhe que lhe parecia tal milagre; e então D. Egas Moniz contou-lhe tudo que se passara.

D. Afonso Henriques zangou-se muito e pôs-se a gritar em altas vozes que mais de-pressa havia de morrer do que ir às Côrtes de el-rei de Castela, que só êle era e seria rei de Portugal e que o seu reino era livre e que nunca mais ficaria vassalo de ninguém senão de Deus. E passeava de um lado para o outro dando grandes patadas no chão e arrepelando o cabelo, tão furioso que nem um leão arrenegado.

D. Egas Moniz que bem o conhecia, deixou amainar aquela maré e depois disse-lhe assim:

«Meu senhor, não há aqui razão para queixas. Se não fôsse eu, el-rei de Castela tomava esta cidade e êste castelo e depois os outros, que nós não temos maneira, por agora, de resistir a tão grande e forte exército. E Vossa Alteza iria preso e o condado de Portugal seria dado a outro e sujeito a Castela. Mas de tudo isto eu livrei Vossa Alteza e as terras de Portugal. E quanto ao juramento que fiz a el-rei de Castela, não dê isso cuidado a Vossa Alteza; que assim como o fiz sem seu conhecimento assim o desfarei com a graça de Deus!»

Mas por mais que D. Afonso Henriques lhe perguntasse qual era a sua idea, não lhe disse mais nada.

Quando chegou o tempo marcado para a reünião das Côrtes que se faziam em Toledo e onde, pela promessa de D. Egas Moniz, D. Afonso Henriques se havia de apresentar como vassalo de el-rei de Castela, D. Egas

Moniz aprontou as suas coisas e abalou para Toledo mais a sua mulher e seus seis filhos. Iam todos a cavalo que naquele tempo não se podia viajar senão a pé ou a cavalo; e levava o seu acompanhamento de gente de armas por causa dos ladrões que havia pelos caminhos, e de criadagem para os servir e cuidar das bestas.

Logo que chegaram à cidade de Toledo foram ter ao palácio onde el-rei estava; e aí, D. Egas Moniz, a sua mulher e seus filhos, se despiram dos fatos que traziam; só ficaram com umas túnicas de estôpa grosseira e puseram cada qual um baraço ao pescoço, e assim se apresentaram, descalços, a el-rei de Castela que muito se admirou de os ver.

D. Egas Moniz falou a el-rei desta maneira:

«Quando Vossa Alteza estava cercando a cidade de Guimarãis, fui eu à sua presença e lhe fiz uma fala e por juramento lhe prometi que, se Vossa Alteza retirasse as suas tropas, seu primo e meu senhor, D. Afonso Henriques, aqui viria a Côrtes como vassalo de Vossa Alteza. E em penhor desta promessa, dei a minha vida. Mas D. Afonso Henriques não quer vir. Diz que Portugal é livre e que é êle o senhor daquelas terras e que não é nem será vassalo de mais ninguém senão de Deus. E assim, como eu jurei a Vossa Alteza que a minha vida lhe entregaria se a minha promessa não fôsse cumprida, e como não a posso cumprir, venho aqui e mais os meus, trazer a Vossa Alteza a minha vida e a deles. Nunca se há-de dizer que D. Egas Moniz faltou a um juramento. Para mim a honra vale mais do que a própria vida.»

Emquanto êle falava, a mulher e os filhos ajoelharam-se defronte de el-rei e ali se deixaram ficar muito sossegados e humildes; e nenhum deles chorava, nem os mais pequenos.

El-rei de Castela ao ouvir tais palavras, entrou numa grande fúria, e ia já mandá-los matar a todos, sem mais conversas nem demoras, quando os fidalgos castelhanos que ali estavam o tomaram à parte e lhe disseram que tal não fizesse pois se havia de arrepender; porque D. Egas Moniz só fizera o seu dever como cavaleiro honrado e fiel ao seu senhor e à sua palavra; que mais de-pressa el-rei o devia louvar do que tirar-lhe a vida, pois tomaram os reis ter muitos vassalos como aquêle.

El-rei ouviu o que os fidalgos lhe diziam e a pouco e pouco a sua cólera foi amainando. Por fim voltou para junto de D. Egas e começou a dizer-lhe boas palavras e a gabá-lo muito; desprendeu-o do seu juramento e mandou-o embora em paz e à sua familia.

Quando D. Afonso Henriques, que estava todo aflito à espera de notícias, soube que D. Egas Moniz vinha a chegar a Guimarãis são e salvo, saiu logo ao seu encontro cheio de alegria. Não deixou que êle lhe beijasse a mão, mas puxou-o para si e deu-lhe um grande abraço, dizendo-lhe assim:

«Não contente de me teres criado de pequeno e de teres sido o meu mestre e o meu melhor amigo, agora com o risco da tua vida salvaste a cidade de Guimarãis, a minha liberdade e a independência de Portugal. Jogaste a tua vida e a da tua família por amor da tua honra, para não faltares ao teu juramento. Portugal está a nascer; se tiver muitos homens como tu, será uma grande nação. O teu lugar é aqui, encostado ao meu coração, como se fôsses meu pai.»

Logo a seguir D. Afonso Henriques tratou de guarnecer muito bem os seus castelos e vilas de maneira a poder defender-se dos castelhanos e pouco depois entendeu-se com el-rei de Castela e fizeram as pazes porque tanto um como outro perceberam que era melhor fazerem guerra aos moiros do que andarem em brigas entre si.

D. Afonso Henriques juntou a sua gente e marchou contra Leiria e Tôrres Novas. Os moiros eram muitos e bem armados; e D. Afonso Henriques tinha pouca gente. Mas o que lhe faltava em armas e soldados, sobrava-lhe em coragem e fé. Assim Leiria e Tôrres Novas foram tomadas com grande valentia e os moiros que defendiam estas vilas foram ali mortos à ponta das espadas e lanças portuguesas, que bem poucos escaparam. E foi aí que D. Afonso Henriques ganhou o nome de Cavaleiro Sem Mêdo.

Voltou em seguida D. Afonso Henriques para Coimbra com muita glória e tôdas as riquezas que filara aos moiros. Isto foi no mês de Dezembro de 1117.

Depois de descansar em Coimbra, D. Afonso Henriques, vendo que tinha as suas vilas e castelos bem guardados e defendidos e que não havia receio de guerra do lado dos castelhanos, voltou-se outra vez contra os moiros porque a sua idea era conquistar-lhes quantas mais terras pudesse e alargar assim o condado de Portugal até fazer dele um reino forte e poderoso.

Decidiu ir atacar os moiros no Alentejo, em Ourique, onde os campos eram muito povoados de aldeias e havia poucos castelos, de modo que os seus soldados teriam por ali de comer nas povoações fáceis de tomar.

Mas naquele caminho esperava-o um grande desgôsto. Quando ia de jornada com os seus fidalgos e as suas tropas, D. Egas Moniz adoeceu

de morte e em poucos dias se finou. D. Afonso Henriques não se arredou do pé dele, noite e dia, até que acabou. E quando o viu morto fêz um grande pranto nem que êle fôra seu pai. Mandou logo que levassem o corpo com grande acompanhamento de fidalgos e tropas e que o enterrassem com tôdas as honras no mosteiro de Paço de Sousa, perto do Pôrto, onde ainda hoje está o seu túmulo.

E D. Afonso Henriques continuou a sua jornada. Atravessou o Tejo e foi andando por aquelas grandes e tristes charnecas do Alentejo, até que encontrou moiros; e logo começou a fazer contra êles muitas correrias e batalhas.

Quando tal soube, o rei moiro Ismar que governava então em Marrocos e em boa parte das Espanhas, mandou juntar por tôda a parte gente que o viesse ajudar, com grandes anúncios de que os cristãos estavam já em Ourique onde até ali nunca tinham chegado. Por tôda a parte se despacharam correios levando a notícia e dizendo que era preciso juntarem-se todos para dar cabo do Cavaleiro Sem Mêdo, D. Afonso Henriques.

Em breve estas notícias se espalharam e ali acudiu tão grande multidão de moiros que nem tinham conta. O rei Ismar atravessou o estreito de Gibraltar e juntaram-se-lhe mais quatro reis com as suas tropas e até grande número de mulheres a cavalo e com trajes de homens e muito bem armadas com suas lanças e espadas.

Quando os portugueses viram aquela gente que ia chegando e souberam de muita mais que acudia de todos os lados, e que perceberam que naquela guerra haveria mais de cem moiros contra cada cristão, pareceu-lhes que seria tentar a Deus, se aceitassem tal batalha. Juntaram-se os capitãis e foram ter com D. Afonso Henriques e lhe apresentaram suas dúvidas. E D. Afonso Henriques ficou-se um bocado calado e logo levantando a cabeça e em muito clara e alta voz, disse-lhes assim:

«Saímos de Coímbra para fazer guerra aos moiros e agora que estamos defronte deles havemos de voltar para trás? Quem manda nas batalhas é o esfôrço dos corações e acima disso é Deus. Pela fé de Jesus Cristo viemos combater e se agora virarmos costas é traição que fazemos a Nosso Senhor. Ainda que êles fôssem tantos como as estrêlas do Céu, pela vontade de Deus os venceríamos. Matando ganharemos terras, honras e riquezas; morrendo ganharemos o céu e a glória eterna. Quem pensa aqui em recuar? Voltar costas agora defronte do inimigo seria pior do que perder a batalha. Onde estão os vossos corações? Pois vão-se todos embora, se mais presam a vida do que a honra. Eu aqui fico, ainda que fique sòzinho.

E sòzinho vencerei os exércitos de cinco reis moiros se assim fôr a vontade de Deus!»

Ouvindo tais palavras os capitãis criaram tamanho ânimo que já nenhum pensava senão em combater. Em cada peito daqueles homens se acendeu uma chama de coragem e de fé que já nada a podia apagar. E todos juraram seguir D. Afonso Henriques até à vitória ou até à morte.

Assim sem mais cuidarem da multidão de moiros, assentaram seus arraiais e prepararam suas armas para a batalha, emquanto os moiros da sua parte faziam o mesmo.

No cimo de um cabeço ali perto da tenda de D. Afonso Henriques havia uma ermidazita com seu ermitão; um santo velho que ali vivia sòzinho sustentado pela caridade de quem passava.

Ao cair da tarde o ermitão veio ter com D. Afonso Henriques e falou-lhe assim:

«Príncipe D. Afonso, Deus manda-te recado por mim de que vencerás esta batalha e que para isso te dará o esfôrço preciso. Deita-te e dorme e, pelo meio da noite hás-de ouvir tocar o sino da ermida; e quando tal ouvires, sai fora e Jesus Cristo te aparecerá pregado na Cruz.»

D. Afonso Henriques ouviu o santo velho com muito respeito e quando êle se foi embora, pôs-se de joelhos e fêz esta reza:

«Ó meu Senhor Deus, aqui te agradeço a ajuda que me mandas. Bem sabes que é meu desejo combater contra os moiros inimigos teus, emquanto me deres vida, e conquistar as terras que êles têm, e fazer aí o meu reino à sombra da tua cruz.»

E acabando esta reza, deitou-se e adormeceu. Por volta da uma hora da noite ouviu tocar o sino da ermida. Ergueu-se e saíu fora da tenda. No escuro da noite viu uma grande claridade e no meio dessa claridade lá estava a figura de Jesus Cristo crucificado.

Ao levantar os olhos para Jesus, D. Afonso Henriques sentiu como um sangue novo a correr-lhe nas veias:

«Meu Senhor! Meu Senhor!» gritou êle. «Aos hereges havias tu de aparecer e não a mim que, mesmo que te não visse, a minha fé e esperança em ti estariam comigo na vida e na morte!»

E nisto Jesus olhou para êle como se o abençoasse e logo desapareceu; e D. Afonso Henriques voltou para a sua tenda e já se não tornou a deitar. Mal alvoreceu mandou tocar as trombetas e preparar tudo para a batalha.

Ordenou tôdas as alas do seu exército, pondo-as nos seus lugares, cada qual com o seu capitão. E dois dêstes capitãis eram os filhos mais velhos

de D. Egas Moniz. E a todos ia animando com palavras de tanta coragem e esperança que não havia ali um homem que não estivesse certo de vencer a batalha.

E tão abrasados estavam todos de fé e de amor no seu príncipe que ali o quiseram alçar rei. Ele não queria, dizia que ainda era cedo; mas os capitãis e soldados já não pensavam noutra coisa, deixou-os fazer a sua vontade.

Levantaram então um estrado alto onde D. Afonso Henriques subiu e todos bradaram em altas vozes: «Real! Real! por el-rei D. Afonso Henriques de Portugal.»

E as vozes unidas de todos aquêles homens pareciam um trovão que fazia tremer a terra.

Os moiros ao ouvirem aquilo cismavam no que seria. Viam tão poucos cristãos e bisonhos com as suas armaduras escuras; e do lado dos moiros uma multidão tamanha, um exército que resplandecia ao sol nascente e parecia cobrir a terra. Porque estariam os cristãos tão alegres quando tudo mostrava que seriam vencidos?

Logo a seguir D. Afonso Henriques deu ordem de se avançar contra os moiros. Montou num grande e muito formoso cavalo e foi caminhando à frente da ala do centro. E quando os dois exércitos já estavam perto um do outro, a ala de D. Afonso Henriques largou a galope contra os inimigos e el-rei D. Afonso na carreira em que ia, logo foi contra um cavaleiro moiro e o atravessou de lado a lado com a lança.

Tal era a vontade que os portugueses levavam que a primeira ala dos moiros foi logo quebrada; e chegaram à segunda com a mesma gana, batendo-se que nem leões.

O sol estava muito quente e a poeira era tanta que os guerreiros mal se viam uns aos outros. Mas nada disso parecia cansar os portugueses. Poucos como eram moviam-se com tal rapidez que pareciam estar em tôda a parte ao mesmo tempo. Um porém entre todos dava nas vistas; era D. Afonso Henriques. Grande de corpo e de rara valentia e engenho, cortador de espada como aquêle nunca os moiros tinham visto igual. Golpe que êle ferisse era certeiro sempre; e aquêle braço parecia não conhecer o cansaço.

Muitas horas durou êste grande combate e quando o dia ia no fim, os moiros desanimados largaram a fugir.

Assim D. Afonso Henriques venceu esta grande batalha de Ourique

contra cinco poderosos reis moiros no ano 1139. O campo ficou coberto de mortos e entre êles muitas das mulheres que tinham vindo a combater.

Da parte dos portugueses houve também muitos mortos entre soldados e capitãis. Lá perdeu a vida D. Martim Moniz, filho de D. Egas, e muitos outros bons cavaleiros.

El-rei ficou durante três dias no campo de batalha, como era costume. E durante êsse tempo juntaram-se as presas de guerra que foram muitas, em grande quantidade de oiro e prata e prisioneiros e muitos gados.

Voltando a Coimbra, depois desta grande vitória, el-rei D. Afonso Henriques pouco descansou. Tinha na idea ir tomar Santarém aos moiros, mas isso já não cabe nesta história e tem de ficar para a outra.

Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
o S. P. N. mandou dar à estampa.

A SEGUIR:

SEGUNDA HISTÓRIA DO GRANDE CAVALEIRO SEM MÈDO